

## X

## Depoimento

A mensagem de J. P., que designamos apenas por suas iniciais, em virtude da comovente lição que nos traz, foi recebida na noite de 13 de Maio de 1954, no encerramento de nossas tarefas.

Para elucidar certas passagens desta comunicação psicofônica, é forçoso esclarecer que ele nos visitara anteriormente, sendo socorrido pela doutrinação evangélica.

E' curioso notar que uma de nossas irmãs, elemento efetivo de nosso Grupo e esposa de um dos nossos companheiros, meses antes da mensagem que aqui transcrevemos, revelava todos os sintomas de uma gravidez aparente e dolorosa, tendo sido tratada espontaneamente, em várias reuniões sucessivas, por um de nossos Benfeitores Espirituais que, carinhosamente, a libertou, através de passes magnéticos, das estranhas impressões de que se via possuída.

Com grande surpresa para nós, viemos então a saber que o Espírito de J. P. era o candidato ao renascimento que não chegou a positivar-se.

Cremos sejam necessárias as presentes anotações, não só para que a mensagem seja devidamente aclarada, como também para estudarmos importantes incidentes que podem ocorrer, entre dois mundos, em nossa vida comum.

Com a inflexão de quem chorava intimamente, o visitante assim se expressou, sensibilizando-nos a todos:

13 de Maio de 1954!...

Há precisamente sessenta e seis anos eram declarados livres todos os escravos no território brasileiro.

E talvez comemorando o acontecimento, deter-

minam os instrutores desta casa vos fale algo de minha história, de minha escura história, porquanto, em seus últimos lances, ela se encontra de certo modo associada à obra espiritual de vosso grupo.

J. P. foi o meu nome em Vassouras, a fidalga Vassouras do Segundo Império.

Resumirei meu caso, tanto quanto possível, porque, como é fácil perceberdes, não passo ainda de pobre viajante da sombra, em árduo serviço na própria regeneração.

Em Março de 1888 fui convidado a participar de expressiva reunião da Câmara Vassourense por meu velho amigo Dr. Correia e Castro. (1)

Cogitava-se da adoção de medidas compatíveis com a campanha abolicionista, então na culminância.

Alguns conselheiros propuseram que todos os fazendeiros do Município instituíssem a liberdade espontânea, a favor do elemento cativo, com a obrigação de os escravos alforriados prosseguirem trabalhando, por mais cinco anos consecutivos, numa tentativa de preservação da economia regional.

Discussões surgiram acaloradas.

Diversos agricultores inclinavam-se à ponderação e à benevolência.

Entretanto, eu era daqueles que pugnavam pela escravatura irrestrita.

Encolerizado, ergui minha voz.

Admitia que o negro havia nascido para o eito.

Nada de concessões nem transações.

O senhor era senhor com direito absoluto; o escravo era escravo com irremediável dependência.

Aderi ao movimento contrário à proposta havia, e nós, os da violência e da crueldade, ganhámos a causa da intolerância porque, então, Vas-

(1) O comunicante refere-se a pessoa de suas relações íntimas, em 1888. — Nota do organizador.

souras prosseguiu esperando as surpresas governamentais, sem qualquer alteração.

De volta ao lar, porém, vim a saber que a inspiração da providência sugerida partira inicialmente de um homem simples, de um homem escravizado...

Esse homem era Ricardo, servo de minha casa, a quem presumia dedicar minha melhor afeição.

Era meu companheiro, meu confidente, meu amigo...

Inteligência invulgar, traduzia o francês com facilidade. Comentávamos juntos as notícias da Europa e as intrigas da Corte... Muitas vezes, era ele o escrivão predileto em meus documentos, orientador nos problemas graves e irmão nas horas difíceis...

Minha amizade, contudo, não passava de egoísmo implacável.

Admirava-lhe as qualidades inatas e aproveitava-lhe o concurso, como quem se reconhece dono de um animal raro e queria-o como se não passasse de mera propriedade minha.

Enraivecido, propus-me castigá-lo.

E, para escarmento das senzalas, na sombra da noite, determinei a imediata prisão de quem havia sido para mim todo um refúgio de respeito e carinho, qual se me fôra filho ou pai.

Ricardo não se irritou ante o desmando a que me entregava.

Respondeu-me às perguntas com resignação e dignidade.

Calmo, não se abateu diante de minhas exigências.

Explicou-se, imperturbável e sereno, sem trair a humildade que lhe brilhava no espírito.

Aquela superioridade moral atíçou-me a ira.

Golpeado em meu orgulho, ordenei que a prisão no tronco fôsse transformada em suplício.

Gritei, desesperado.

Assemelhava-me a fera a cair sobre a presa.

Reuni minha gente e as pancadas — triste é recordá-las! — dilaceraram-lhe o dorso nu, sob meus olhos impassíveis.

O sangue do companheiro jorrou, abundante.

A vítima, contudo, longe de exasperar-se, entrara em lacrimoso silêncio.

E, humilhado por minha vez, à face daquela resistência tranquila, induzi o capataz a massacrar-lhe as mãos e os pés.

A recomendação foi cumprida.

Logo após, porque o sangue borbotasse sem peias, meu carrasco desatou-lhe os grilhões...

Ricardo, na agonia, estava livre...

Mas aquele homem, que parecia guardar no peito um coração diferente, ainda teve forças para arrastar-se, nas vascas da morte, e, endereçando-me inesquecível olhar, inclinou-se à maneira de um cão agonizante e beijou-me os pés...

Não acredito estejais em condições de compreender o martírio de um Espírito que abandona a Terra, na posição em que a deixei...

Um pelourinho de brasas que me retivesse por mil anos sucessivos talvez me fizesse sofrer menos, pois desde aquele instante a existência se me tornou insuportável e odiosa.

A Lei Áurea não me ocupou o pensamento.

E quando a morte me requisitou à verdade, não encontrei no imo do meu ser senão austero tribunal, como que instalado dentro de mim mesmo, funcionando em ativo julgamento que me parecia nunca terminar...

Lutei infinitamente.

Um homem perdido por séculos, em noite tenebrosa, creio eu padece menos que a alma culpada, assinalando a voz gritante da própria consciência.

Perdi a noção do tempo, porque o tempo para quem sofre sem esperança se transforma numa eternidade de aflição.

Sei apenas que, em dado instante, na treva

em que me debatia, a voz de Ricardo se fez ouvir aos meus pés:

— Meu filho!... meu filho!...

Num prodígio de memória, em vago relâmpago que luziu na escuridão de minha alma, recordei cenas que haviam ficado a distância (1), quadros que a carne da Terra havia conseguido transitariamente apagar...

Com emoção indizível, vi-me de novo nos braços de Ricardo, nele identificando meu próprio pai... meu próprio pai que eu algemara cruelmente ao poste de martírio e a cuja flagelação eu assistira, insensível, até ao fim...

Não posso entender os sentimentos contraditórios que então me dominaram...

Envergonhado, em vão tentei fugir de mim mesmo.

Em desabalada carreira, desprendi-me dos braços carinhosos que me enlaçavam e busquei a sombra, qual o morcego que se compraz tão somente com a noite, a fim de chorar o remorso que meu pai, meu amigo, meu escravo e minha vítima não poderia compreender...

No entanto, como se a Justiça, naquele momento, houvesse acabado de lavrar contra mim a merecida sentença condenatória, após tantos anos de inquietação, reconheci, assombrado, que meus pés e minhas mãos estavam retorcidos...

Procurei levantar-me e não consegui.

A Justiça vencera.

Achava-me reduzido à condição de um lobo mutilado e urrei de dor... Mas, nessa dor, não encontrei senão aquelas mesmas criaturas que eu havia maltratado, velhos cativos que me haviam conhecido a truculência... E, por muitos deles, fui

(1) Ao contacto do benfitor espiritual, a entidade sofredora entrou a lembrar-se de existência anterior, em que a vítima lhe fôra pai na experiência terrestre. — Nota do organizador.

também submetido a processos pavorosos de dilaceração (1).

Passei, porém, a rejubilar-me com isso.

Guardava, no fundo, a consolação do criminoso que se sente, de alguma sorte, reabilitado com a punição que lhe é imposta.

A expiação era serviço que eu devia à minha própria alma.

Se algum dia pudesse rever Ricardo — refletia —, que eu comparecesse diante dele como alguém que lhe havia experimentado as provações.

Lutei muito, repito-vos!...

Sofri terrivelmente, até que, certa noite, fui conduzido por invisíveis mãos ao lar de um companheiro em cuja simpatia recolhi algum descanso...

Aí, de semana a semana, comecei a ouvir palavras diferentes, ensinamentos diversos, explicações renovadoras (2).

Modificaram-se-me os pensamentos.

Doce bálsamo alcançou-me o espírito dolorido.

E, desse santuário de transformação, vim, certa feita, ao vosso grupo (3).

Há quase dois anos, tive o conforto de desabafar-me convosco, de falar-vos de meus padecimentos e de receber-vos o óbolo de fraternidade e oração.

Mas porque desejasse associar-me mais intimamente ao lar em que me reformava, atirei-me apaixonadamente aos braços dos amigos que me aco-

(1) Refere-se o comunicante a sofrimentos que experimentou nas regiões inferiores da vida espiritual, sob a vingança de muitas das suas antigas vítimas revoltadas. — Nota do organizador.

(2) Refere-se o comunicante ao culto doméstico do Evangelho, existente no lar do nosso companheiro de quem se havia aproximado.

(3) A entidade reporta-se à primeira visita que fez ao nosso Grupo, quando foi atendida por nossa casa, através da incorporação mediúnica, em 1952. — Nota do organizador.

lhiam, intentando consolidar mais amplamente a nossa afeição.

Queria renascer, projetando-me em vosso ambiente... Para isso, busquei-vos como o sedento anseia pela fonte... E tudo fiz para exteriorizar-me, entretanto, eu não possuía forças para mentalizar as mãos e os pés!...

Se eu retomasse a carne, seria um monstro e se concretizasse meu sonho louco teria cometido tremendo abuso...

Além disso, estaria na posição de um aleijado, simplesmente regressando do inferno que havia gerado para si mesmo.

Nesse interim, contudo, os instrutores de vossa casa me socorreram...

Auxiliaram-me, sem alarde, noite a noite, e, graças ao Senhor, meu propósito foi frustrado.

Mas se é verdade que não pude retratar-me de novo, no campo da densa matéria, para tentar o caminho de reencontro com Ricardo, recebi convosco, ao contacto da prece, o reajuste de minhas mãos e de meus pés.

Orando em vossa companhia e mentalizando a minha renovação em Cristo, minha vida ressurgiu transformada.

Agora, esperarei o dia de minha volta ao campo normal da experiência humana, a fim de, em me banhando na corrente da vida física, apagar o passado e limpar minhas culpas, através do trabalho, com a minha justa escravização ao dever, para, então, mais tarde, cogitar da suspirada ascensão.

Mas porque recompus minha forma, aqui estou convosco e vos digo:

— Aleluia!...

— Viva a liberdade!...

Louvo a liberdade que me permite agora pensar em receber o bem-aventurado cativo da prova, favorecendo-me por fim o galardão da cura!...

Amigos, eis que nos achamos em 13 de Maio de 1954!...

Para minha alma, depois de 66 anos, raia um novo dia...

Para mim, a luz não tarda!... a luz de renascer! E assim me expressei, porque somente na esfera de luta em que vos encontrais como privilegiados tarefeiros, por bondade de Nosso Senhor Jesus-Cristo, é que poderei encontrar o sol da redenção.

Agradeço-vos a todos, recomendando-me feliz às preces de todos os companheiros, preces que constituem vibrações de amor que ainda me empenho em recolher, como sementes de renovação para o dia de amanhã que espero, em Jesus, seja enfim abençoado...

Que o Senhor nos ampare.

J. P.

